

A OCUPAÇÃO SIDÉRICA DO PASSO ALTO (V. V. de Ficalho, Serpa)

António M. MONGE SOARES¹

Ana Sofia ANTUNES²

Paula F. QUEIROZ³

Manuela de DEUS⁴

Rui Manuel G. M. SOARES⁵

Pedro VALÉRIO⁶

RESUMO

O povoado proto-histórico do Passo Alto situa-se no Baixo Alentejo, em Vila Verde de Ficalho (concelho de Serpa), na confluência da ribeira de Vidigão com o rio Chança, afluente do Guadiana. Tem sido objecto de escavações arqueológicas programadas, as quais permitiram não só identificar e datar um sistema complexo de defesa atribuível a uma primeira ocupação humana do Bronze Final, mas também registar estruturas habitacionais datáveis da Idade do Ferro. É a ocupação sidérica do Passo Alto que será o objecto essencial desta comunicação.

O sítio arqueológico do Passo Alto ocupa uma área grosseiramente triangular, delimitada pelas margens abruptas do Chança e do seu afluente Vidigão, a qual desce algumas dezenas de metros em direcção ao vértice formado por aquelas duas ribeiras. Na encosta oeste da colina entalhada entre as ribeiras do Chança e do Vidigão existe uma pequena plataforma, delimitada por um muro, já muito desconjuntado, que a separa da zona mais íngreme que cai para a ribeira do Vidigão. A escavação desta plataforma permitiu verificar a existência de uma estrutura habitacional, sendo nela facilmente reconhecíveis diversos compartimentos rectangulares, de pequena dimensão. A sua planta é semelhante a outras já registadas e investigadas no Alto Alentejo. Os artefactos recolhidos são, na sua quase totalidade, de cerâmica. Destacam-se os contentores de tamanho médio decorados com dedadas no colo junto ao bordo e com mamilos verticais e os decorados com incisões em V ou em zig-zag também junto ao bordo. Estas cerâmicas, bem como as cerâmicas cinzentas, importadas, apontam para uma ocupação do séc. VI a.C. Foi identificada a utilização de cortiça e de madeira de urze, medronheiro, oliveira, catapereiro e de uma leguminosa, testemunhando a presença regional de matagais esclerófilos mediterrânicos, urzais semi-naturais e charnecas.

ABSTRACT

The settlement of Passo Alto is located in south-western Portugal near Vila Verde de Ficalho (Serpa). It extends atop a small hill near the confluence of two rivers, and is formed by two *loci* 250 m apart. Archaeological finds, namely pattern-burnished pottery collected during several archaeological surveys and excavations carried out at the settlement, and radiocarbon dates indicate that a Late Bronze Age chronology must be assigned to the first human occupation of this archaeological site. The good natural defences of the settlement are complemented with a rampart along the easiest northern approach to the settlement. Outside the rampart, a broad band of chevaux-de-frise and a ditch provide additional lines of defence around what most probably was the main entrance-way.

In one of the *loci*, in a restricted area, that first human occupation is superposed by an Early Iron Age rural settlement which consists of a building with a simple architecture – small rectangular rooms (with stone walls) placed in a row, very similar to other buildings of the same broad chronology known from the south-western Iberian Peninsula. Anthracological analysis of charcoal remains collected during archaeological excavations show the use of cork and of heath, strawberry-tree, (wild)olive, wild-pear and a leguminosae wood, testifying the regional presence of mediterranean sclerophyllous highscrubs, semi-natural heathlands and lowscrubs. Archaeological artefacts, namely ceramic ware point out to a chronology that can be ascribed to the 6th century BC.

¹ Instituto Tecnológico e Nuclear, Estrada Nacional 10, 2686-953 Sacavém, Portugal: amsouares@itn.pt

² Câmara Municipal de Serpa, Praça da República, 7830-389 Serpa, Portugal: asofia@cm-serpa.pt

³ Terra Scenica. Centro para a criatividade partilhada das ciências, artes e tecnologias, Largo Frei Heitor Pinto, 4, 1º dto, 1700-204 Lisboa, Portugal: pfqueiroz@netcabo.pt

⁴ IGESPAR – Extensão de Castro Verde, Rua D. Afonso Henriques, 98, 7780-183 Castro Verde, Portugal mdeus@igespar.pt

⁵ Largo das Palmeiras, 20, 7830-595 Vila Verde de Ficalho, Portugal: ruigusmao@hotmail.com

⁶ Instituto Tecnológico e Nuclear, Estrada Nacional 10, 2686-953 Sacavém, Portugal: pvalerio@itn.pt

INTRODUÇÃO

Os trabalhos de campo efectuados, nos últimos três anos (2006-2008), no sítio arqueológico do Passo Alto, Vila Verde de Ficalho, Serpa (figura 1), foram enquadrados no Projecto de Investigação *O Bronze Final do Sudoeste na Margem Esquerda do Guadiana. Fortificações, Áreas Rituais, Cronologias*, o qual está integrado e é financiado pelo Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos (PNTA)⁷. Constituem uma continuação daqueles efectuados em 1984 e 1987 e já publicados (Soares, 2003).

Nas escavações arqueológicas levadas a cabo nos anos oitenta tinha-se efectuado o reconhecimento de parte do sistema defensivo, designadamente do campo de cavalos-de-frisa (figura 2), além de se ter procedido a uma sondagem na muralha, próximo de onde seria a entrada do povoado e onde existem numerosos blocos de xisto vitrificados (Díaz Martínez *et alii*, 2005). Quer estes trabalhos de campo, quer as várias prospecções e colheitas de artefactos à superfície, levaram a atribuir uma cronologia dentro do Bronze Final do Sudoeste ao povoado do Passo Alto. Este seria constituído por dois núcleos, **a** e **b** (figura 3), separados entre si por uma distância de cerca de 250 metros. O núcleo **a** caracterizar-se-ia pela existência de um sistema defensivo (muralha e campo de cavalos-de-frisa), enquanto o núcleo **b** corresponderia à zona habitacional (Soares, 2003).

As últimas campanhas de escavação no núcleo **a** permitiram definir e caracterizar melhor, não só o sistema defensivo, mas também toda a ocupação do Bronze Final, permitindo uma datação absoluta para a mesma, através da datação pelo radiocarbono de algumas amostras (Soares, 2007). A zona essencialmente habitacional – núcleo **b** – distribuir-se-á por áreas localizadas no topo e nas duas encostas, leste e oeste, da colina entalhada entre a Ribeira do Chança e a Ribeira do Vidigão (figura 3). Da encosta leste tem sido recolhida, em prospecção superficial, cerâmica tipicamente do Bronze Final – taças carenadas, cerâmica de ornatos brunidos, grandes pegas mamilares (Soares, 2005). Na encosta oeste, foi também encontrada cerâmica semelhante, embora normalmente mais rolada, até porque muita dela foi recolhida na encosta, na sua área mais íngreme, que cai para a Ribeira do Vidigão. Nessa encosta, existe uma pequena plataforma, delimitada a sul por um muro, já muito desconjuntado, que a separa da zona mais íngreme, e onde se podia observar uma lage de xisto colocada de cutelo e um ou outro pequeno e aparente alinhamento de pedras. Por isso, abriu-se aqui neste sector (B1), em 2006, uma sondagem (figura 3, sondagem B1), perpendicular ao muro desconjuntado atrás referido, e de modo a englobar a tal lage de xisto colocada de cutelo.

São os resultados obtidos com esta sondagem e com o seu alargamento em área, efectuado nos dois anos subsequentes, que constituem o objecto desta comunicação.

⁷ Agradece-se à Junta de Freguesia de Vila Verde de Ficalho, na pessoa da sua Presidente, a disponibilização do transporte da equipa de e para o local de escavação, bem como pelo interesse manifestado pelos trabalhos. Por fim, e de não menor importância, os nossos agradecimentos a toda a equipa de escavação, e em especial ao Sr. Elias, pela excelente disposição que imprimiu à equipa durante todo o tempo dos trabalhos de campo.

A OCUPAÇÃO SIDÉRICA

A ARQUITECTURA

Retirada a camada mais superficial verificou-se a existência de uma estrutura habitacional, sendo facilmente reconhecível um primeiro compartimento rectangular (figura 4, compartimento A; figura 5). A lage colocada de cutelo fazia parte do muro sudeste desse compartimento, validando a nossa opção pela escolha da localização desta sondagem. A sul desse muro, até à encosta íngreme, não foi encontrada qualquer estrutura pétreo, para além do muro já desconjuntado que a delimita, aparecendo a rocha virgem a poucas dezenas de centímetros de profundidade (figuras 4 e 5).

Dada a fragilidade das estruturas, bem como a complexidade dos seus derrubes e das aparentes reconstruções e/ou reparações que sofreram, a escavação do sector B1 foi efectuada com todo o cuidado, não se encontrando ainda totalmente concluída. O compartimento A relaciona-se com outros dois compartimentos B e C (figura 6), também já escavados na totalidade, que lhe ficam a nordeste. Do canto sul do compartimento A partem ou encontram-se a ele adossados muros que ainda não foi possível definir com rigor, dados os grandes derrubes de pedras que os rodeiam. Deverá referir-se que mesmo os muros melhor definidos, isto é, aqueles que delimitam os compartimentos A, B e C, apresentam um aspecto muito frágil, com elementos pétreos de dimensão média ou relativamente pequena, sem qualquer argamassa entre eles e onde se nota que terão tido reparações frequentes. Note-se que a lage, atrás referida, colocada de cutelo, integra o muro sudeste do compartimento A, mas parece estruturar um buraco de poste, que se terá de atribuir a uma reconstrução/reparação desse muro e, por conseguinte, a um segundo momento de utilização do compartimento A. Do possível pequeno compartimento D (figura 4), o qual é delimitado, num dos lados, por um arco grosseiramente definido por uma única fileira de pequenas pedras, foi recolhido um grande lote de cerâmica, a qual rareava na sua vizinhança imediata, o que justifica considerá-lo como compartimento. Estes exemplos demonstram bem a dificuldade de definição de estruturas e de espaços estruturados neste tipo de sítio arqueológico. Os compartimentos E, F e G ainda não se encontram totalmente escavados. No entanto, a entrada do compartimento E, o maior deles, localizada no seu canto este, encontra-se já bem definida – pode observar-se (figura 7) um buraco de poste estruturado, onde se deveria inserir o eixo de uma porta, e cujo batente é constituído por uma lage de xisto colocada de cutelo, a norte. O muro oeste deste compartimento, bem como o do compartimento G, encontram-se adossados a um “muro” bastante espesso, o qual deverá ser antes considerado como um enrocamento pétreo que pretenderia nivelar o terreno já algo declivoso nessa área. Note-se também o muro este do compartimento G, que parece duplo, mas que corresponderá antes a dois momentos da sua utilização. Por outro lado, os limites sul dos compartimentos G e F já não são reconhecíveis, uma vez que existe aí um soalco natural do terreno, que teria sido preenchido por um enrocamento pétreo e que, actualmente, se encontra já muito desconjuntado devido à inclinação da encosta. Por fim, haverá que referir um pequeno círculo de pedras (compartimento H, figura 8) adossado ao enrocamento pétreo que acompanha os muros oeste dos compartimentos E e G, e cuja função nos escapa.

O ESPÓLIO

O espólio, numeroso, é constituído essencialmente por cerâmica. Note-se, no entanto, que o terreno (de xisto) é tão ácido que muita da cerâmica se apresenta degradada, com superfícies muito erodidas (embora não roladas), apresentando algumas uma “corrosão pontual” que faz lembrar a corrosão pontual em metais. Por isso, não é de admirar a ausência total de fauna e também de artefactos metálicos, com a excepção de uma pequena conta tubular feita de uma folha enrolada de chumbo. Além da cerâmica, foram recolhidos alguns artefactos em pedra, designadamente alguns fragmentos de dormentes em granito, um instrumento em pedra polida (rocha siliciosa) utilizado como percutor e alguns seixos rolados, que também terão servido como percutores. Estes artefactos pétreos, designadamente um dos dormentes, o instrumento de pedra polida e um percutor provêm do compartimento A (figura 9) e assentavam sobre a rocha virgem, a qual parece ter constituído o chão desse compartimento na maior parte da sua área. Deverá ainda acrescentar-se que foram ainda recolhidos diversos fragmentos de carvões, objecto de análise antracológica, cujos resultados serão descritos mais adiante.

Embora a maior parte da cerâmica seja atribuível à ocupação da Idade do Ferro, responsável pela estrutura habitacional atrás descrita, foi também recolhida alguma cerâmica atribuível ao Bronze Final. Em geral, a cerâmica atribuível a estes dois períodos cronológicos distingue-se macroscopicamente entre si – a cerâmica da Idade do Ferro tem, normalmente, uma cozedura oxidante e é friável ou mesmo muito friável, enquanto que para o Bronze Final predominam as cozeduras redutoras e as pastas duras, com superfícies muito bem alisadas, polidas ou brunidas.

A cerâmica pode, assim, dividir-se em três grandes grupos: 1, cerâmica feita a mão, de cor predominantemente castanha ou castanha avermelhada e pasta friável ou muito friável, atribuível à Primeira Idade do Ferro (figuras 10 a 14); 2, cerâmica feita à mão, de cor castanha ou cinzenta e pasta dura, pouco friável, atribuível, em primeira aproximação, ao Bronze Final (figura 14, 6; figura 17); 3, cerâmicas feitas à roda, que deverão corresponder a importações – pastas muito bem depuradas, muito diferentes do resto da cerâmica recolhida – também atribuíveis à Primeira Idade do Ferro (figura 14, 9; figuras 15 e 16).

Do grupo 1 destacaremos os contentores de tamanho médio decorados com dedadas no colo junto ao bordo e com mamilos verticais (figura 10, 1; figura 13, 1; figura 14, 3 e 5); os decorados com incisões em V ou em zig-zag também junto ao bordo (figura 11, 1 e 2; figura 14, 4) ou os não decorados, designadamente as taças hemi-esféricas ou em calote esférica, algumas de dimensões razoáveis (figura 10, 3; figura 12, 7 e 8; figura 13, 2 e 5).

Do grupo 3 destacam-se as cerâmicas cinzentas (figura 15), o contentor, também de cerâmica cinzenta, da Fig. 16 ou a asa da Fig. 14 (nº 9).

Por fim, do grupo 2 atribuível ao Bronze Final, representado na figura 17, destacam-se as cerâmicas com ornatos brunidos na superfície exterior e um fragmento de cerâmica Cogotas (figura 17, 7; figura 18), o qual vem alargar para sul a área de dispersão desta cerâmica.

ANÁLISES ARQUEOMÉTRICAS

ANTRACOLOGIA

No estudo arqueobotânico realizado no povoado do Passo Alto (Queiroz, 2009) um conjunto de amostras de carvão refere-se ao sector B1, apresentado neste trabalho. O elenco florístico identificado representa-se na Fig. 19.

Foi reconhecida a presença de madeira de medronheiro (*Arbutus unedo*), de urze (*Erica arborea*), de oliveira/zambujeiro (*Olea europaea*), de catapereiro (*Pyrus*, provavelmente *P. bourgaeana*) e de uma leguminosa de tipo giesta (tipo *Spartium junceum*), provavelmente testemunhando a sua utilização quer como combustível para lareiras domésticas e fornos, quer como material de construção de estruturas e artefactos.

Foram ainda identificados fragmentos de cortiça de estrutura celular muito regular, evidenciando a utilização artefactual deste material e provavelmente a sua recolha num contexto de aparente manuseio intencional e recorrente do sobreiral vocacionado para produção de cortiça, e não a simples recolha de córtex de sobreiros bravos. Este aspecto é também particularmente evidente nas amostras recolhidas no sector A da escavação do Passo Alto correspondente ao sistema defensivo do Bronze Final.

DATAÇÃO PELO RADIOCARBONO

Uma amostra de carvão de *Olea europaea* proveniente de uma camada, cuja espessura pouco ultrapassava os 5 cm e que estava subjacente ao muro oeste do compartimento A cobrindo a rocha-virgem, foi datada pelo radiocarbono utilizando-se a técnica de AMS. Apenas nesta camada de sedimentos foram recolhidos os carvões de *Olea europaea* identificados no Passo Alto e dela provêm artefactos cerâmicos, predominantemente atribuíveis à Idade do Ferro, designadamente alguns fragmentos de cerâmica cinzenta, entre eles os representados com os nºs 2, 3 e 4 na Fig. 15. Pretendia-se, por conseguinte, datar um dos primeiros momentos da ocupação sidérica do Passo Alto, a que se associa a maior parte da cerâmica cinzenta recolhida em escavação. A data obtida

Beta-261321 2590±40 BP ($\delta^{13}\text{C}=-23,7\text{‰}$)

calibrada fazendo uso da curva IntCal04 (Reimer et alii, 2004) e do programa CALIB rev 5.0.1 (Stuiver e Reimer, 1993) origina os seguintes intervalos:

para 1 σ : 810-763 cal BC (0,934176); 680-673 cal BC (0,065824)

para 2 σ : 829-747 cal BC (0,761829); 688-665 cal BC (0,097211);

644-587 cal BC (0,105214); 583-554 cal BC (0,035746)

Este resultado indicia que a amostra de carvão estaria relacionada com o final da ocupação do Bronze no Passo Alto. No entanto, deverá ter-se presente que a amostra datada não é uma amostra de “vida curta” e que poderemos estar perante o denominado “efeito da madeira antiga”.

ANÁLISE QUÍMICA DA CONTA DE CHUMBO

A conta tubular de chumbo (figura 20) foi analisada por Fluorescência de Raios-X, Dispersiva de Energias, no Instituto Tecnológico e Nuclear, obtendo-se o espectro representado na figura 21. O espectro obtido confirma a identificação feita macroscopicamente, isto é, que se trata do metal chumbo, o qual apresenta como impureza o cobre. O ferro deverá provir do meio onde a conta se

encontrava enterrada. Note-se que o chumbo se encontra muito corroído, apresentando uma camada de corrosão espessa de cor esbranquiçada (muito provavelmente carbonato de chumbo).

ANÁLISE DAS CERÂMICAS

Foi realizado um estudo analítico, ainda que preliminar, das cerâmicas não importadas das ocupações do Bronze Final e da Idade do Ferro do Passo Alto. Esse estudo centrou-se na caracterização composicional dos artefactos cerâmicos e das técnicas de produção neles utilizadas, de forma a perceber as dissemelhanças que possibilitassem a discriminação entre as duas ocupações. A metodologia analítica envolveu a análise química por μ -EDXRF (Micro-Fluorescência de Raios X, Dispersiva de Energias), a análise mineralógica por XRD (Difracção de Raios X) e a análise petrográfica por leitura de lâminas delgadas através do Microscópio Óptico com Luz Transmitida Polarizada (OTPLM).

A análise arqueométrica das pastas revelou processos de tratamento e origens diferentes, embora locais (Maurício, 2007; Maurício et alii, 2009), isto é, as argilas, conforme a Época em causa, deverão provir de barreiros diferentes, embora situados em área de xistos (muito provavelmente situados na vizinhança do Passo Alto). De igual modo, a tecnologia empregue também seria diferente, o que explica as diferentes texturas das pastas, predominando na Idade do Ferro a utilização de atmosferas oxidantes aquando do cozimento das cerâmicas.

INTEGRAÇÃO CULTURAL E CRONOLÓGICA. CONCLUSÕES

A planta da estrutura habitacional sidérica que tem sido objecto de escavação arqueológica no Passo Alto é semelhante a outras já registadas e investigadas no Alto Alentejo com cronologias diversas que podem ir do Período Orientalizante até ao final da Primeira Idade do Ferro (Mataloto, 2005; Calado e Mataloto, 2008). Mas, ao contrário daquelas, esta estrutura do Passo Alto insere-se numa plataforma escondida, com deficiente visibilidade para a região envolvente.

O estudo antracológico efectuado sobre as amostras poderia, porventura, ajudar a uma integração cronológico-cultural dos vestígios encontrados. No entanto, a falta de estudos deste tipo, para esta época e para a região sudoeste peninsular, tornam impossível comparações neste âmbito. Contudo, e embora o conjunto de espécies vegetais identificado no estudo antracológico seja fruto de recolha selectiva e muito reduzido para se assumir como representativo do coberto vegetal, é possível reconhecer a presença regional de urzais altos e formações esclerófilas de carácter mediterrânico – zambujais e matos/matagais semi-naturais, provavelmente explorados pela comunidade como território de carácter periférico (*sensu* Mateus, 1990, 2004), locais de caça e recollecção, mantidos pelo fogo e abate selectivo; bem como de espaços eco-produtivos de maior produtividade bruta, de carácter próximo, matos rasteiros e charnecas, porventura correspondentes a áreas de pastagem e também de recollecção.

A datação pelo radiocarbono efectuada sobre um fragmento de carvão de *Olea europaea* recolhido num contexto da ocupação sidérica produziu uma data, que a ser aceite, leva a admitir uma contaminação desse contexto por restos da primeira ocupação do local datável do Bronze Final. Contudo, e uma vez que a amostra datada não é uma amostra de vida curta, poderá haver uma diferença de uma ou duas centenas de anos entre a idade da amostra e a idade do contexto

onde ela se integrava. Estaríamos perante o denominado “efeito da madeira antiga”, o qual não é quantificável *a priori*.

Assim, apenas o conjunto artefactual, designadamente o cerâmico, poderá dar indícios mais ou menos precisos sobre a integração cronológica dos vestígios sidéricos identificados no Passo Alto.

Foram recolhidos alguns recipientes cerâmicos de feitura manual e de perfil em S, os quais apresentam uma decoração de dedadas no colo, junto ao bordo (figura 10, 1; figura 13, 1; figura 14, 5). A dispersão deste tipo de recipientes é muito vasta, encontrando-se quantitativamente bem representados na Andaluzia Ocidental. De um modo geral, é uma produção que surge em meados-finais do século VIII e que desaparece em inícios do século V (altura em que é já residual), conhecendo um significativo auge no século VII (Moreno López, 2000, 52-53). Para citar alguns exemplos, em Setefilla (povoado) encontraram-se alguns vasos deste tipo, embora se distingam ligeiramente dos exemplares do Passo Alto, por apresentarem um bordo mais esvasado. Aqui são enquadrados entre finais do século VIII e meados do século VI a.C., cronologia igualmente apontada para as peças semelhantes de Tejada la Vieja, San Bartolomé de Almonte (fundo XIV-A, lâmina XXXVIII, 546; fundo XIV-B, 97, lâmina XLVI, 620; fundo I-2, 125, lâmina LX, diversos; fundo II, 163, lâmina LXXIX, 1036 e 1037 e lâmina LXXX, 1038-1040; fundo VIII, lâmina XCI, 1150-1153; fundo I-1, lâmina CIII), Cerro Salomón, Cerro Macareno, Carmona ou da Colina de los Quemados (Lladrón de Guevara *et alii*, 1992: 295-296 e 303, fig. 4, 1 e 2). O intervalo cronológico apontado serve, *grosso modo*, para os restantes fragmentos cerâmicos que apresentam mamilos verticais ou incisões junto ao bordo (figura 11, 1 e 2).

No que se refere à cerâmica cinzenta, as taças carenadas constituem uma forma com raízes nas produções do Bronze Final (Gamito, 1991-1992, Soares, 2005) que, embora difundida em ambientes orientalizantes e pós-orientalizantes da Península Ibérica, regista uma tendência para uma presença escassa nos últimos, como se constata nos contextos arqueológicos das actuais Estremadura e Meseta espanholas, exemplificando-se com Badajoz (Enríquez Navásques *et alii*, 1998, 170-171), Cancho Roano (Celestino Pérez e Jiménez Àvila, 1993), «La Mata» (Rodríguez Díaz e Ortíz Romero, 2004, 251-258) ou Aliseda (Rodríguez Díaz e Pavón Soldevilla, 1999, 66). A produção de taças carenadas não é exclusiva da cerâmica cinzenta, encontrando-se também bem representada em cerâmica de engobe vermelho, particularmente no litoral andaluz, sobretudo na bacia do Guadalquivir (Mancebo Dávalos, 1996, 357).

As taças carenadas do Passo Alto enquadram-se nas formas 15 e 16 de Anna-María Roos (1982, 65) / tipo 17 de Caro Bellido (1989, 141 e 146-148) e na Estremadura espanhola, encontram paralelo no tipo 3A1 da necrópole de Medellín, constituindo o n.º 2 da figura 15 uma variante de maior dimensão, à qual foi atribuído o sub-tipo 3A1a. Ambos percorrem a estratigrafia da necrópole, desde a segunda metade do século VII, embora se registre uma presença mais marcante na fase II de Lorrio / fases 2-3 de Almagro Gorbea, balizada na primeira metade do século V (Lorrio, 1988-1989, 291-293).

Na bacia do Guadalquivir, este tipo de taça carenada ocorre no Cerro Macareno desde o primeiro quartel do século VII (nível 25) até ao segundo quartel do século V (nível 16), denotando-se um decréscimo progressivo da sua presença ao longo dos anos, sendo as importações

substituídas pela produção local a partir de inícios do século VI (Pellicer Catalán, 1982, 380-383; Pellicer, Escacena e Bendala, 1983, 150, n.º 441, e 193, tipo A4), fenómeno extensível à restante bacia do Guadalquivir. De facto, a partir de inícios do século VI, a produção local determina uma alteração na qualidade (e, por conseguinte, na estética) da cerâmica cinzenta, sendo as pastas depuradas e de cor cinzenta homogénea substituídas por outras ligeiramente mais grosseiras e de tonalidades heterogéneas, deixando de ser exclusivamente cinzentas, podendo citar-se o exemplo do Cerro de la Cabeza (Sevilha), onde as taças do Passo Alto têm paralelo na variante 3, recolhida no estrato IV (Domínguez, Cabrera e Fernández, 1988, 139, n.ºs 287, 289-291 e 293-296; 173-175). Numa abrangência territorial mais aproximada, este tipo de taças ocorre na Azougada, embora aqui o lábio se apresente horizontal, o que, juntamente com o pé anelar, representa uma morfologia mais evoluída da forma, enquadrável a partir de meados do século V (Antunes, 2005, 45-46, n.º 45).

No caso das peças do Passo Alto, não se trata de uma produção *clássica* de cerâmica cinzenta, na medida em que as pastas são menos depuradas e o ambiente de cocção é heterogéneo, estando presentes cozeduras tanto oxidantes como redutoras. Poderá, assim, reconhecer-se uma semelhança com a tendência verificada a partir de inícios do século VI na área tartéssica, com destaque para a bacia do Guadalquivir, onde se assiste a uma descaracterização ou perda de qualidade da cerâmica cinzenta, induzida pelo começo de uma produção local. Não obstante, as formas do Passo Alto enquadram-se claramente nas morfologias conhecidas da produção da cerâmica cinzenta peninsular, o que, aliado à coloração do engobe (cinzento), nos remete para a possibilidade de nos encontrarmos perante uma produção local-regional de cerâmica cinzenta, que procura reproduzir os protótipos importados (embora estes estejam ausentes do Passo Alto), condicionada pelas especificidades dos barreiros do território de aprovisionamento.

No que respeita ao seu enquadramento cronológico, não é possível obter, *per se*, um curto intervalo de tempo para a utilização destes recipientes no Passo Alto, admitindo-se um período que inclui o século VI e a primeira metade do século V.

No que se refere às taças de cerâmica cinzenta, hemisféricas, de bordo simples no prolongamento da parede e de lábio aplanado deverá ter-se em consideração que a simplicidade da morfologia e a sua alargada representação na Península Ibérica tanto em contextos coloniais, exemplificando-se com Castro Marim (Arruda, 1999-2000, 46-47) e com o Castillo de Doña Blanca (Vallejo Sánchez, 1999, 106, tipo 1.1.C), como em ambientes indígenas orientalizados, condiciona a utilidade desta forma (que é também reproduzida em diferentes produções cerâmicas) como indicador cronológico. Assinala-se, entre outros, em Huelva (Vallejo Sánchez, 1999, 59, tipo II.I.C.a), ao longo de toda a ocupação de Montemolín, desde o século VII até finais do século VI, com um momento de apogeu na primeira metade da centúria (Mancebo, Bandera e Garcia, 1992, 283 e 288, tipo II. A.2), no Vale do Guadalentín (Ros Sala, 1989, 249, tipo III.G.2) ou na Extremadura espanhola, onde se regista ao longo da diacronia da necrópole de Medellín (Lorrio Alvarado, 1988-1989, 289 e 310, tipo 1A) e em Cancho Roano, no sector Oeste, onde são datadas do século V (Celestino Pérez, 1996, 101-102 e 215, n.ºs 7-8) e no Sector Sul (Celestino Pérez *et alii*, 1996, 274, n.ºs 8 e 10). Os paralelos mais próximos de um ponto de vista geográfico encontram-se na Azougada (Moura), onde conhecem uma cronologia lata, por impossibilidade de uma datação

contextual mais específica, entre meados do século VI e finais do século V / início do século IV (Antunes, 2005, 47-48, Forma II.3 (*i^b*), n.^{os} 48-51).

Deste modo, perante o conjunto cerâmico recolhido na estrutura habitacional sidérica do Passo Alto, poderá admitir-se como muito provável uma cronologia do séc. VI a.C. para esta ocupação do sítio. Uma vez que a ocupação do Passo Alto no Bronze Final não deverá ultrapassar o final do séc. VIII a.C. (Soares, 2005; Soares, 2007), então terá existido um hiato entre as duas ocupações humanas que o local conheceu. Deverá também notar-se que a ocupação sidérica do Passo Alto apenas se regista numa área muito restrita na encosta oeste da colina existente entre as ribeiras do Chança e do Vidigão, enquanto que a ocupação do Bronze Final, com o seu complexo sistema de defesa, abarca uma área muito mais vasta que engloba aquela.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, A. S. (2005), *Castro da Azougada – conjunto cerâmico. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- CALADO, M. e MATALOTO, R. (2008), “O Post-Orientalizante da margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo Central), *Sidereum Ana I, El río Guadiana en época post-orientalizante*, J. Jiménez Ávila, Ed.), *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XLVI, 185-217.
- CARO BELLIDO, A. (1989), *Ceramica gris a torno tartésica*, Cádiz.
- CELESTINO PÉREZ, S. e JIMÉNEZ ÁVILA, F. J. (1993), *El palacio-santuario de Cancho Ruano IV (el Sector Norte)*, Badajoz.
- CELESTINO PÉREZ, S. (1996), *El Palacio-Santuario de Cancho Roano. V-V-VIII. Los Sectores Oeste, Sur y Este*, Publicaciones del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz 3, Badajoz.
- DÍAZ-MARTÍNEZ, E., SOARES, A.M.M., KRESTEN, P., e GLAZOVSKAYA, L. (2005), “Evidence for wall vitrification at the Late Bronze Age settlement of Passo Alto (Vila Verde de Ficalho, Serpa, Portugal)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8/1, 151-161.
- DOMÍNGUEZ, M. C., CABRERA, P. e FERNÁNDEZ, E. J. (1988), “Cerro de la Cabeza (Santiponce, Sevilla)”, *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 30, 120-186.
- GAMITO, T. J. (1990-1992), “A cerâmica de retícula brunida do Castro dos Ratinhos (Moura)”, *O Arqueólogo Português*, 8-10, 277-297.
- LLADRÓN DE GUEVARA, L., SANCHEZ, M., RODRÍGUEZ de ZULOAGA, M. E., e LAZARICH, M. (1992), “Materiales inéditos de Setefilla (Lora del Rio, Sevilla)”, *Spal*, 1, 293-312.
- LORRIO ALVARADO, A. J. (1988-89), “Cerámica gris orientalizante de la necrópolis de Medellín (Badajoz)”, *Zephyrus*, XLI-XLII, 283-314.
- MANCEBO DÁVALOS, J. (1996), “La cerámica de barniz o engobe rojo de la cuenca baja del Guadalquivir”, *Tabona*, IX, 353-378.
- MANCEBO, J., BANDERA, M.ª L. de la, GARCIA, J. M. (1992), “La cerámica gris a torno del yacimiento orientalizante de Montemolin (Sevilla)”, *Trabajos de Prehistoria*, 49, 277-293.
- MATALOTO, R. (2005), “Em busca do Mediterrâneo: a Idade do Ferro no Alentejo Central (Portugal)”, *El período orientalizante* (Jiménez Avila, J.J. e Celestino Pérez, S., Coords.), *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida*, 2, Protohistoria del Mediterráneo Occidental, 955-966.
- MATEUS, J.E. (1990), “A teoria da zonação do ecossistema territorial”, *Arqueologia Hoje I. Etno-Arqueologia* (Gamito, T., Ed.), Faro, 196-219.
- MATEUS, J.E. (2004), “Território Antigo”, *Estudos do Património*, 7, 36-44.
- MAURÍCIO, C.A.S. (2007), *Análise Textural, Mineralógica e Química de Cerâmicas Arqueológicas – Estudos de Proveniência*, Dissertação de Mestrado em Conservação e Restauro, Universidade Nova de Lisboa.
- MAURÍCIO, C., SOARES, A.M.M., LIMA, A., COROADO, J., DE DEUS, M., e ANTUNES, A.S. (2009), “Caracterização química, mineralógica e textural das cerâmicas do Bronze Final do Sudoeste provenientes do Passo Alto e da Salsa 3 (Serpa, Baixo Alentejo, Portugal)”, (este volume).

- MORENA LÓPEZ, J. A. (2000), *Las cerámicas tartésicas con decoración incisa y digitada del Monte Horquera (Nueva Carteya, Córdoba)*, Carteya.
- PELLICER CATALÁN, M. (1982), "Las cerámicas del mundo fenicio en el Bajo Guadalquivir: evolución y cronología según el Cerro Macareno (Sevilla)", *Phönizier im Western*, Madrid, 371-406.
- PELLICER, M., ESCACENA, J. L. e BENDALA GALÁN, M. (1983), *El Cerro Macareno*, Excavaciones Arqueológicas en España, 124, Madrid.
- QUEIROZ, P.F. (2009), *Estudo arqueobotânico no povoado fortificado do Passo Alto, Serpa*, Terra Scenica – Território Antigo relatórios, 5, Lisboa.
- REIMER, P.J., BAILLIE, M.G.L., BARD, E., BAYLISS, A., BECK, J.W., BERTRAND, C.J.H., BLACKWELL, P.G., BUCK, C.E., BURR, G.S., CUTLER, K.B., DAMON, P.E., EDWARDS, R.L., FAIRBANKS, R., FRIEDRICH, M. GUILDERSON, T.P., HOGG, A.G., HUGHEN, K.A., KROMER, B., McCORMAC, G., MANNING, S., RAMSEY, C.B., REIMER, R.W., REMMELE, S., SOUTHON, J.R., STUIVER, M., TALAMO, S., TAYLOR, F.W., Van Der PLICHT, J., e WEYHENMEYER, C.E. (2004), "IntCal04 Terrestrial Radiocarbon Age Calibration, 0-26 cal Kyr BP", *Radiocarbon*, 46/3, 1029-1058.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e PAVÓN SOLDEVILA, I. (1999), *El poblado protohistórico de Aliseda (Cáceres). Campaña de urgencia de 1995*, Cáceres.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e ORTIZ ROMERO, P. (2004), "«La Mata», un edificio organizado" *El edificio protohistórico de «La Mata» (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*, Cáceres, 75-313.
- ROOS, A. M. (1982), "Acerca de la antigua cerámica gris a torno en la Península Ibérica", *Ampurias*, 44, 43-70.
- ROS SALA, M. M. (1989), *Dinámica urbanística y cultura material del Hierro Antiguo en el Valle del Guadalentín*, Murcia.
- SOARES, A.M.M. (2003), "O Passo Alto: uma fortificação única do Bronze Final do Sudoeste" *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6/2, 293-312.
- SOARES, A. M. (2005), "Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8/1, 111-145.
- SOARES, A.M.M. (2007), "Cavalos-de-Frisa e Muralhas Vitrificadas no Bronze Final do Sudoeste. Paralelos Europeus", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, 155-182.
- STUIVER, M. e REIMER, P.J. (1993), "Extended ¹⁴C Data Base and Revised CALIB 3.0 ¹⁴C Age Calibration", *Radiocarbon*, 35/1, 215-230.
- VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (1999), *La cerámica gris Orientalizante del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*, Memoria de licenciatura realizada bajo la dirección de Prof. Dr. Diego Ruiz Mata, Universidad de Cádiz, Facultad de Filosofía y Letras, exemplar policopiado.

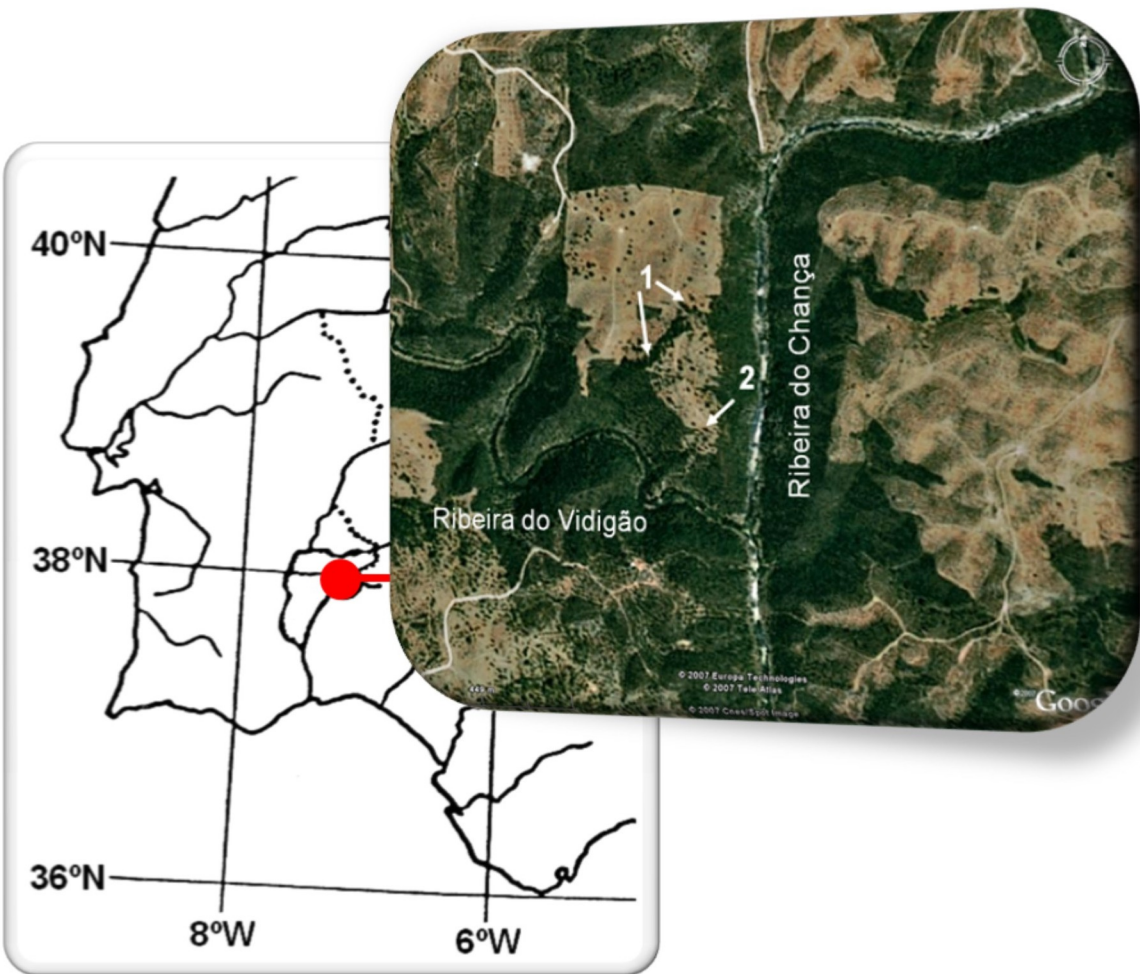


Figura 1. Localização do sítio arqueológico do Passo Alto na Península Ibérica, bem como a sua implantação, na micro-escala, entre as Ribeiras do Chança e do Vidigão.

1 – sistema defensivo do Bronze Final; 2 – ocupação sidérica.



Figura 2. Campo de cavalos-de-frisa.

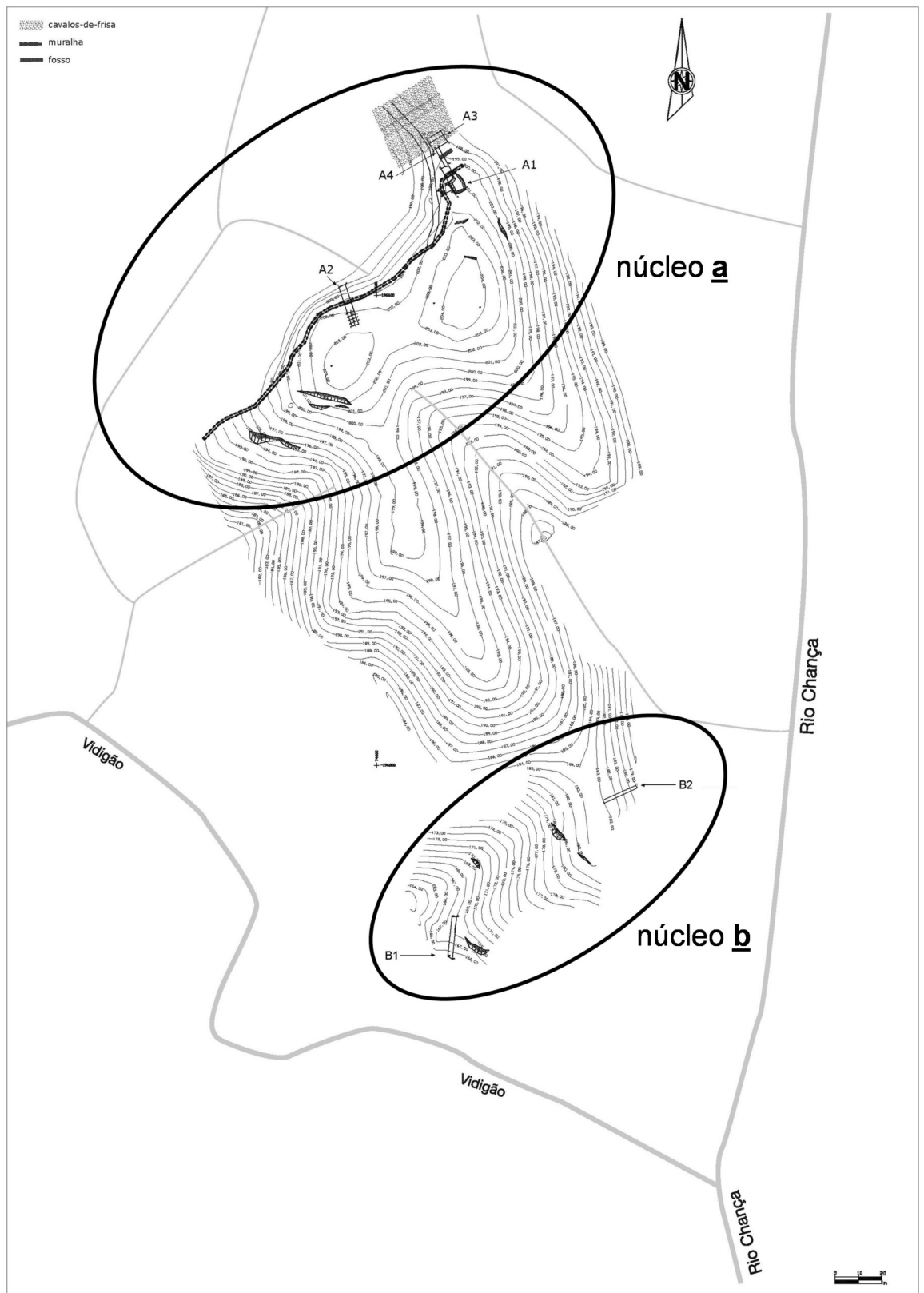


Figura 3. Levantamento topográfico do Passo Alto, com indicação dos dois *loci* (núcleo a e b), bem como dos sectores intervencionados.



Figura 4. Planta final do sector B1 (ocupação sidérica).



Figura 5. Compartimento A, no final da escavação.



Figura 6. Compartimentos B (em primeiro plano) e C (em segundo plano).



Figura 7. Entrada do Compartimento E: 1, buraco de poste estruturado, onde se devia inserir o eixo de uma porta; 2, batente da mesma.



Figura 8. Compartimento H.



Figura 9. Dormente de granito assente sobre o chão do Compartimento A.

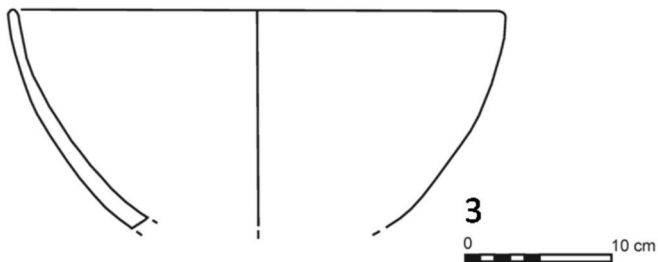
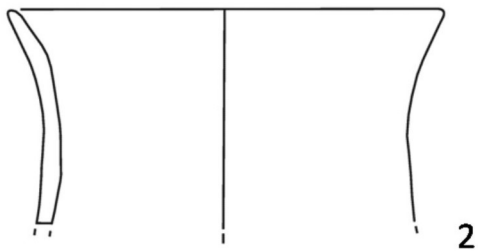
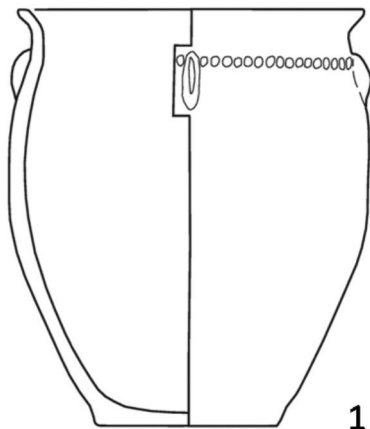


Figura 10. Cerâmica da Idade do Ferro.

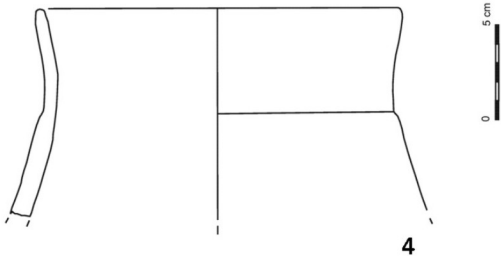
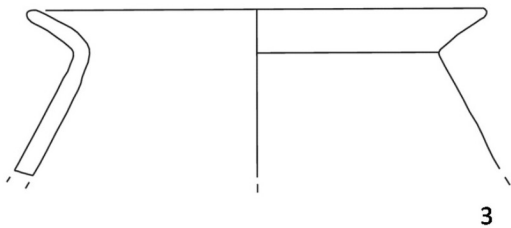
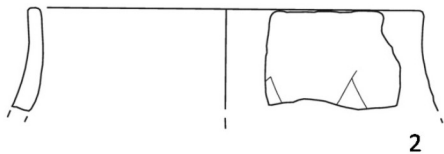
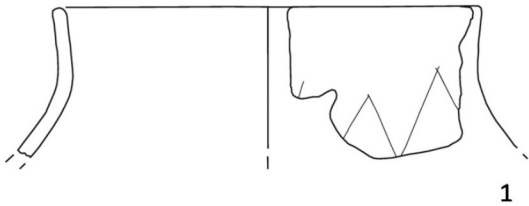


Figura 11. Cerâmica da Idade do Ferro.

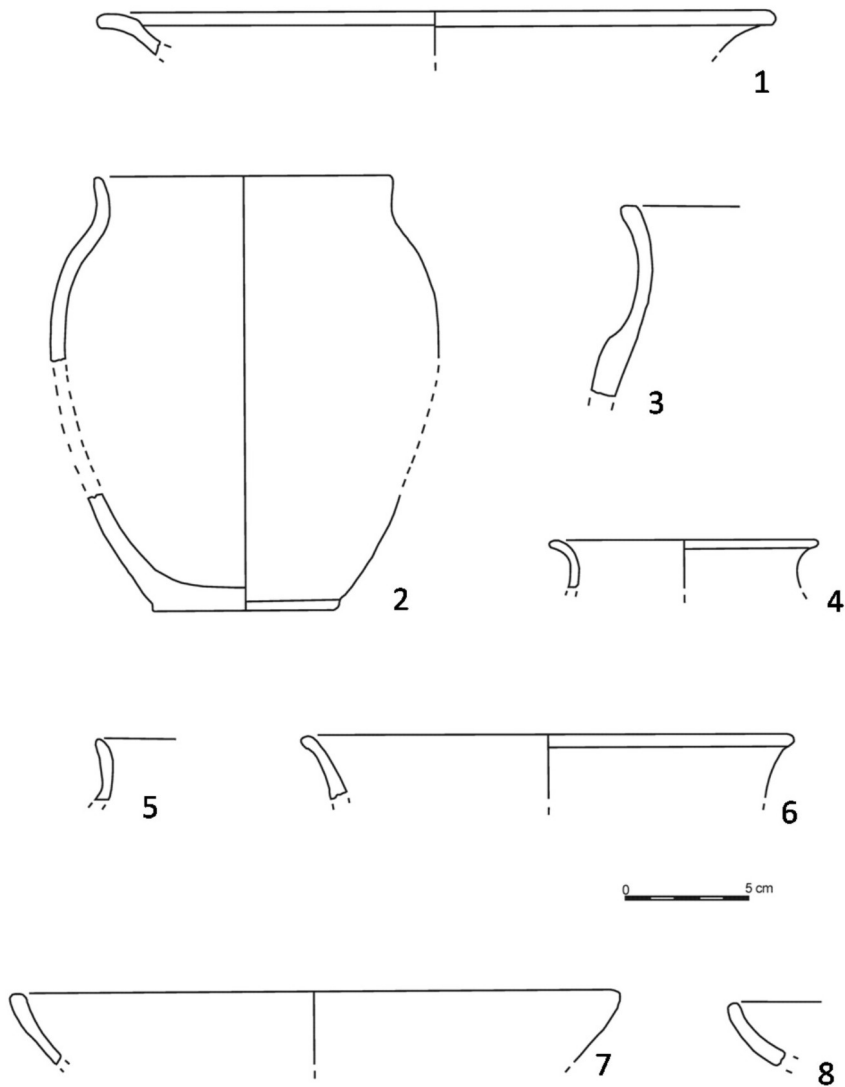


Figura 12. Cerâmica da Idade do Ferro.

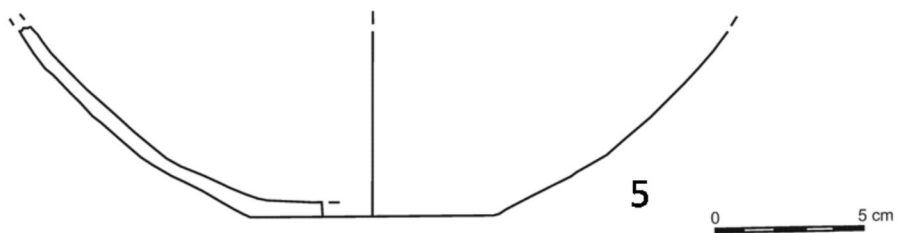
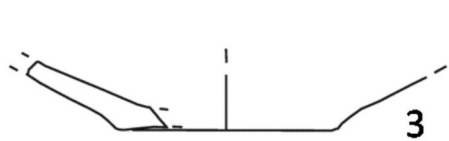
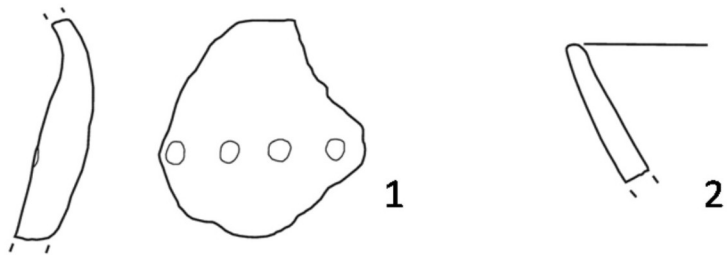


Figura 13. Cerâmica da Idade do Ferro.

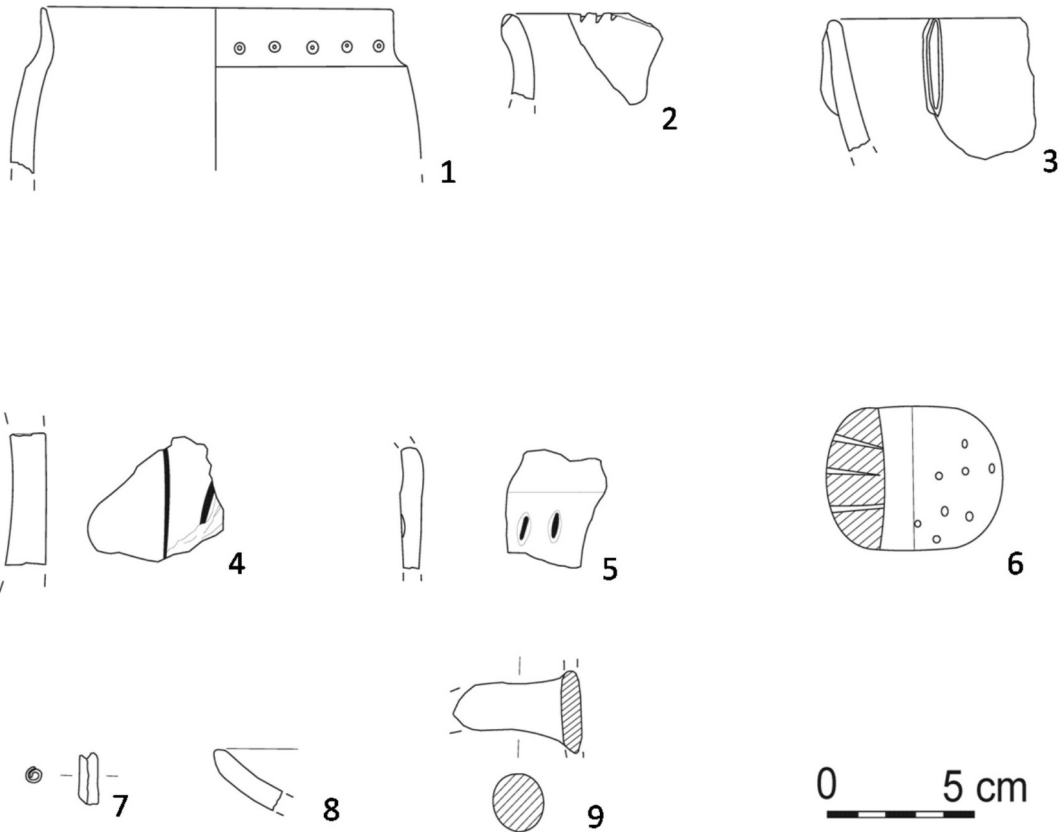


Figura 14. 1 a 5, cerâmica decorada da Idade do Ferro; 6, cossoiro (?) decorado atribuível à ocupação do Bronze Final; 7, conta tubular de chumbo; 8 e 9, cerâmica cinzenta.

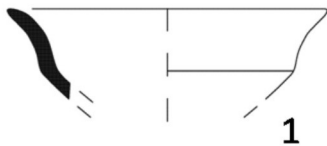


Figura 15. Cerâmica cinzenta da Idade do Ferro.



Figura 16. Cerâmica cinzenta da Idade do Ferro.

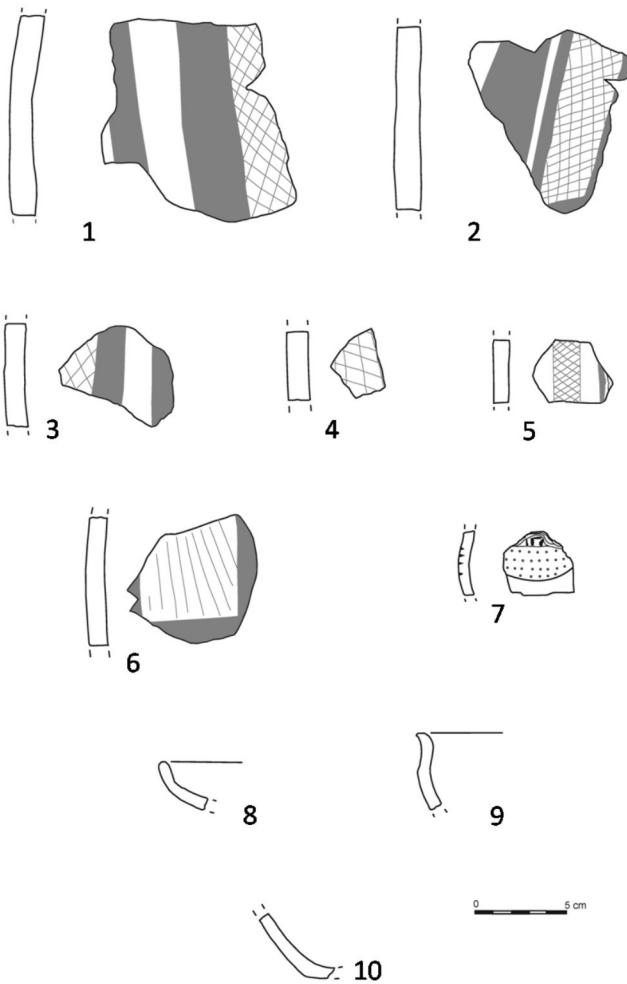


Figura 17. Cerâmica atribuível à ocupação do Bronze Final. 1 a 6, decoração brunida; 7, cerâmica Cogotas; 8 a 10, cerâmica não decorada.



Figura 18. Fragmento decorado de cerâmica Cogotas.

Passo Alto (I Idade do Ferro)

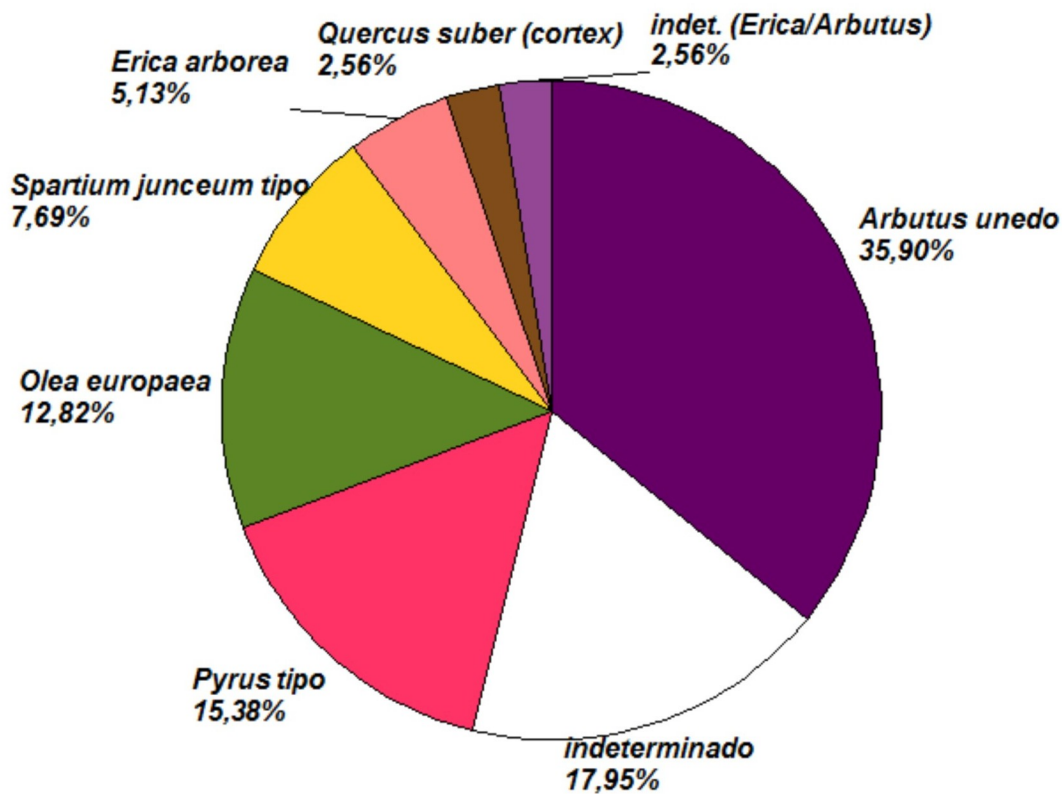


Figura 19. Elenco florístico determinado a partir da análise antracológica das amostras de madeira carbonizada recolhidas nos contextos sidéricos do Passo Alto.



Figura 20. Conta tubular de chumbo.

Conta (Passo Alto, Serpa)

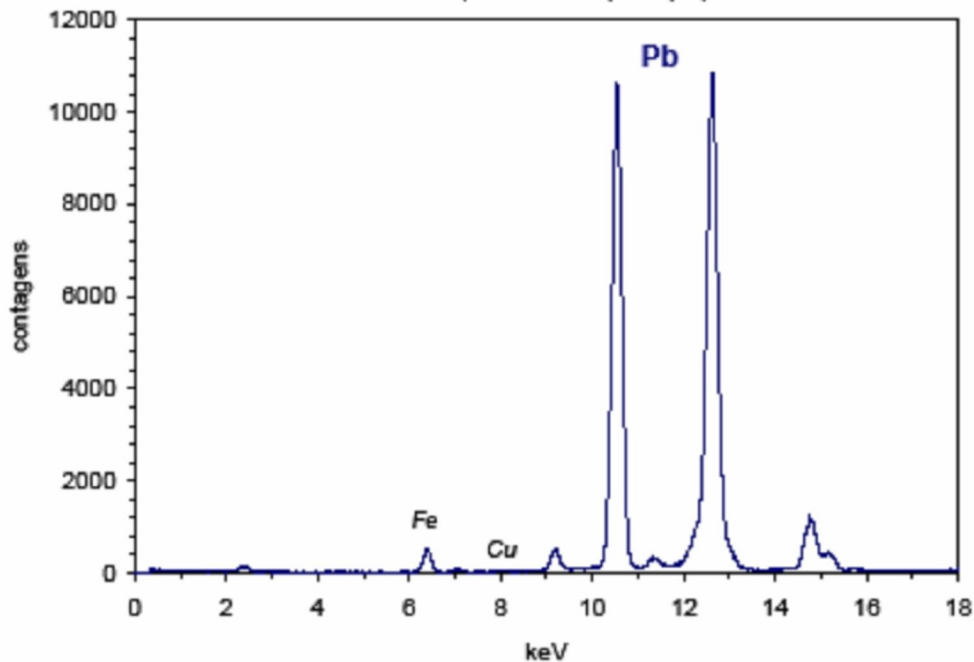


Figura 21. Espectro obtido por Fluorescência de Raios-X, Dispersiva de Energias, para a composição química da conta tubular de chumbo.